

Comunidade surda e Língua Brasileira de Sinais nos relatos de uma professora surda

Deaf Community and the Brazilian Sign Language - Reports of a Deaf teacher

Saionara Figueiredo Santos¹

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil

Susana Inês Molon²

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil

Resumo

O trabalho que apresentamos é parte de um projeto de pesquisa qualitativa mais amplo – uma Dissertação de Mestrado intitulada “Educação Ambiental: recursos imagéticos na produção de significação de um sujeito surdo” –, que foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil. Neste artigo, apresentamos o posicionamento de uma professora surda do Rio Grande do Sul no que se refere à construção da sua identidade surda, considerando o papel fundamental da comunidade surda e da língua materna de um surdo sinalizado – a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O presente trabalho fundamenta-se teórica e metodologicamente na abordagem sócio-histórica. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma professora surda, além do uso de recursos imagéticos, que possibilitaram o surgimento de narrativas de vida do sujeito pesquisado. Para a análise de dados, foi empregada a técnica da análise de conteúdo, cuja categoria, objeto do presente artigo, refere-se à Comunidade Surda que usa a Libras (Língua Brasileira de Sinais). As narrativas demonstraram a importância que a comunidade surda assume para os surdos, bem como a apreensão de sua língua, a Língua Brasileira de Sinais, ressaltando as conquistas legais e os desafios enfrentados para o reconhecimento e a valorização dessa língua no nosso país, tanto nas escolas regulares e inclusivas quanto no Ensino Superior. Além disso, a comunidade surda configura-se como um espaço e como um lugar de pertencimento, a partir de onde os surdos podem mostrar e valorizar sua identidade surda, suas histórias, exaltando sua diferença cultural.

Palavras-chave: Comunidade surda, Libras, Identidade, Abordagem sócio-histórica.

Agência de fomento: Capes.

Abstract

The present study is part of a broader qualitative research - a dissertation entitled “Environmental Education: Imagistic resources in the production of meaning of a Deaf child” - which was developed by the Graduate Program in Environmental Education of the Federal University of Rio Grande (FURG), Brazil. This article presents the position of a Deaf teacher from Rio Grande do Sul state in relation to the construction of their deaf identity, considering the key role of the Deaf Community and the native language of a signaled Deaf person - the

1 Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora, tradutora e intérprete de Libras. E-mail: saionara.figueiredo@gmail.com

2 Doutora em Psicologia Social, Pós-doutorado em Educação. Professora Associada do Instituto de Ciências Humanas e da Informação e do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: susanamolon@vetorial.net

Brazilian Sign Language (Libras). This paper is based on a socio-historical theoretical and methodological approach. Semi-structured interviews were conducted with a Deaf teacher, and imagery resources that enabled the emergence of life narratives of the research subject were also used. Data was analyzed through content analysis, whose category, the subject of this article, refers to the Deaf Community that uses Libras. The narratives demonstrated the importance of the Deaf Community for the Deaf, as well as the apprehension of their language, the Brazilian Sign Language, highlighting the legal achievements and challenges faced for the recognition and appreciation of this language in our country, both in regular and inclusive schools and in higher education. Moreover, the Deaf Community is configured as a place of belonging, from which the Deaf can display and enhance their Deaf identity, their stories, extolling their cultural difference.

Keywords: Deaf community, Identity, Socio-historical approach.

Introdução

“Teu espírito se misturou ao meu, como o vinho se uniu à água. Por este espírito, quando uma coisa te toca, me toca a mim também.” (BOFF, 1997, p. 18). Ao lermos a dissertação de mestrado da surda Professora Doutora Gladis Perlin, encontramos essa citação de Boff, que utilizamos para introduzir a temática deste artigo, cujo foco é a comunidade surda, o encontro surdo-surdo, encontro este considerado fundamental na vida dos surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Em sua dissertação de mestrado, Perlin (1998) discute a identidade surda, contada nas narrativas desses sujeitos. Ela explica que é exatamente no momento em que um surdo encontra outro surdo que acontece uma ligação, como se eles já tivessem se conhecido antes. E é exatamente essa aproximação, esse encontro, que faz com que o surdo possa desenvolver sua identidade surda.

Neste artigo será analisada a narrativa de vida de uma professora surda de uma Universidade do Rio Grande do Sul, que estudou em escola de surdos na sua infância, mas que no ensino fundamental e médio, teve de ir para uma escola inclusiva, sem intérprete. A partir de sua história é que conseguimos entender a importância da comunidade surda para ela.

A noção de comunidade encontra sustentação em Sawaia (1996, p. 51), quando diz que “comunidade apresenta-se como dimensão temporal/espacial da cidadania, na era da globalização, portanto, espaços relacionais de objetivação da sociedade democrática (plural e igualitária)”.

Nessa perspectiva de Sawaia (1996), comunidade implica modo de relacionamento caracterizado pela intimidade pessoal, base afetivo-volitiva, engajamento moral e motivacional, além da ligação intencional da participação. A autora esclarece que:

No entanto, para que o espaço adquira o sentimento de “meu”, é preciso mais que familiaridade. O que produz o calor do lugar é segurança e uma forte dose de sentimento de sentir-se gente entre pares. Uma vez definido, ele se torna o ponto de referência dos nossos direitos e reivindicações enquanto cidadãos, o lugar onde a noção abstrata de igualdade de direito é referendada por experiências partilhadas de sobrevivência. O “meu lugar” é o particular onde se objetivam as leis, as

estruturas e as relações sociais, na singularidade das necessidades, carecimentos e sentimentos do eu. (SAWAIA, 1995, p. 23)

Nesse sentido, a comunidade surda possibilita o sentir-se gente entre pares, proporciona o calor do lugar. A partir do encontro surdo-surdo novos encontros e novas oportunidades acontecem para eles; são novas experiências que envolvem o sentimento de pertencimento a um determinado grupo, a uma comunidade. O maior elo dentro dessa comunidade é sua língua em comum, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), além da cultura envolta nesta e no sujeito surdo. Através desse contato, os surdos passam a narrar-se de maneira diferente, como sujeitos sociais e culturais e não como deficientes. Desse modo, a comunidade surda é compreendida como dimensão espaço/temporal, como espaço relacional onde os surdos e os indivíduos que usam a Libras podem interagir, compartilhar vivências, experiências e informações.

Sendo assim, esse artigo visa a apresentar a importância da comunidade surda pela visão de uma surda que usa a língua de sinais.³ Além disso, o artigo pretende abordar questões que surgiram nas suas falas, dando destaque aos significados do reencontro dela com a comunidade surda após cinco anos de afastamento (quando frequentava escolas inclusivas, sem intérprete), à sua relação com a língua Libras e ao seu posicionamento sobre a funcionalidade das disciplinas de Libras nos cursos superiores.

Metodologia de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que realizamos com uma professora de Libras de uma Universidade do Rio Grande do Sul, que tem 29 anos de idade, e é Pedagoga. Ela nasceu surda, fez sessões de fonoaudiologia quando criança, dos cinco aos 12 anos de idade, conseguindo oralizar bem. Iniciou sua vida escolar numa instituição só para surdos, com aulas em Libras, ali foi que percebeu a sua surdez e teve contato com sua língua natural: a Libras.

Com 12 anos, por motivos familiares, teve de deixar a escola de surdos e ir para uma escola inclusiva, onde não havia intérprete de Libras e todos falavam Português. Teve de se adaptar a uma situação que não era a natural dela até os 17 anos. Nesse meio tempo, não teve mais contato com a comunidade surda, nem com a Libras. Entretanto, aos 17 anos, ela reencontrou a comunidade surda, sendo, segundo ela, “o dia mais feliz de sua vida”.

Em sua trajetória de vida, enfrentou preconceito e *bullying*. Não pôde decidir em qual comunidade permanecer na sua adolescência, não pôde usar sua língua materna e teve de encarar a postura da sociedade no que se refere à sua surdez; ainda assim, ela conseguiu superar todas as suas dificuldades e seguir a carreira que desejou – professora de Libras. Cabe ressaltarmos que essa escolha profissional ocorreu em função de uma experiência que teve quando criança, no momento em que ela frequentou uma escola inclusiva, onde havia uma professora surda.

Os pressupostos metodológicos desta pesquisa estão fundamentados na abordagem sócio-histórica. Segundo Molon (2011; 2008) e Freitas (2002), a abordagem sócio-histórica permite enfrentar as questões relacionadas à metodologia com enfoque

3 Os surdos oralizados que não têm interesse ou não querem aprender a Libras não participam da comunidade surda.

na constituição do sujeito e nas relações subjetivas, num processo de subjetivação focado na singularidade humana.

Para a coleta de dados com o sujeito da pesquisa (a professora surda), usamos o enfoque de Quaresma e Boni (2005), que explicam a importância de se usar as entrevistas semiestruturadas. Essas autoras explicam que esse tipo de entrevista é mais flexível, as perguntas podem ser abertas ou fechadas, permitindo ao pesquisador e ao entrevistado um discurso livre acerca do que é falado. Ela se assemelha a uma conversa informal, sendo permitido ao pesquisador interferir, inserir perguntas adicionais e guiar a conversa, principalmente se o entrevistado tiver dificuldade de abordar o tema proposto. Esse tipo de entrevista não tem uma duração fixa e facilita a relação entre pesquisador e entrevistado. Como as autoras acima citadas comentam:

[...] estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa. (QUARESMA; BONI, 2005, p. 75)

Esse tipo de entrevista permite ao pesquisador usar também outras estratégias para a apreensão de dados, como o uso de recursos visuais, que permitem ao entrevistado estar numa posição mais confortável para lembrar-se de fatos mais delicados e detalhes de suas respostas, que um questionário fechado talvez não conseguisse alcançar (SELLTIZ et al., 1987).

Assim, obtivemos, a partir da entrevista, a narrativa da história de vida do sujeito da pesquisa durante três encontros. Na análise de conteúdo, inspirada nas contribuições de Franco (2007), emergiram duas grandes categorias, porém, neste artigo, analisamos uma delas, qual seja, a Comunidade Surda que usa a Libras.

A partir da narrativa, a entrevistada relacionou sua trajetória com seu ponto de vista atual, facilitando o entendimento do histórico da Educação de surdos, narrado por ela própria. Compartilhamos das ideias de Silva (2009) ao salientar que quando um surdo narra um fato que já aconteceu este sujeito se remete a suas vivências atuais, aos saberes assimilados e às suas ressignificações. O fato, assim, é narrado a partir de suas atuais reflexões sobre a sua trajetória, com isso o contexto social, cultural e educacional em que viveu e vive também são contados e podem ser analisados, pois as narrativas que contam são atravessadas pelas experiências (próprias e alheias) que foram constituídas nas relações sociais, nos acontecimentos históricos vividos e compartilhados e nas ressignificações desses acontecimentos e dessas experiências.

Análise de dados

Considerando que a professora surda entrevistada é usuária da Libras, os encontros foram gravados em vídeo e depois traduzidos da Libras para o Português. A partir da tradução, buscamos nas falas da entrevistada caminhos em comum, para que estes guiassem nossa análise. Como já mencionamos acima, a análise de conteúdo empregada foi fundamentada em Franco (2007), que compara o pesquisador a um arqueólogo que procura vestígios para guiar a investigação. A busca dos vestígios,

resíduos e fragmentos como documentos psicológicos na abordagem sócio-histórica de Vygotsky (1995) e Molon (2008) permitem a valorização cotidiana de um fenômeno na produção de conhecimento científico, possibilitando a compreensão histórico-cultural e semiótica dos processos psicológicos. A partir dos dados coletados, podemos inferir na pesquisa com conhecimentos que vão além do que foi manifestado nas mensagens, já que procuramos articular o funcionamento dialógico e discursivo da entrevistada com as interações e práticas sociais, sem perder a dimensão histórica dos acontecimentos relatados. Nas palavras de Smolka:

Como sujeitos, os indivíduos são afetados, de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam também de diferentes maneiras. Ou seja, os sujeitos são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas (e na História das) relações com os outros. (2000, p. 31)

Assim, podemos dizer que os sujeitos surdos são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas relações com os outros, sobretudo com os seus pares, uma vez que é necessária a produção de significados, ou seja, não basta ter acesso aos signos produzidos culturalmente, são necessárias as mediações nas e das relações sociais que vão dar significado aos signos, aos sinais. A produção de sentidos na identidade surda se constitui no encontro surdo-surdo, no encontro com os seus pares nas comunidades surdas que usam a Libras. Nesse espaço é que o surdo se sente à vontade para trocar informações, significados, comportamentos, valores éticos, sociais e significações. Ele se sente finalmente pertencente a um grupo, que os autoidentifica como sujeitos surdos, usuários de uma língua em comum, a Língua Brasileira de Sinais. Desse modo, Strobel (2008) esclarece que:

(...) uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras. (STROBEL, 2008, p. 31)

Através das falas da entrevistada, vemos o quão importante foi o fato de ela ter reencontrado essa comunidade, influenciando toda a sua trajetória de vida atual. Também estão presentes as dificuldades enfrentadas por ela pelo fato de ficar muito tempo distante dos seus “pares” e como essa comunidade tornou-se o seu “reino da felicidade”. Abaixo, alguns fragmentos que iniciam nossa discussão.

“Quanto eu tinha 17 anos, que eu encontrei a comunidade surda. Me senti livre, eu podia me expressar, eu era livre, como surda.”

“...Nossa, eu nem consigo imaginar isso... eu não teria minha filha, por exemplo. Acho que seria uma pessoa sozinha. E o trabalho? Eu nem consigo imaginar o que eu seria se eu não tivesse encontrado a comunidade surda.”

“Esse encontro com a comunidade surda que me fez voltar a viver de novo, me sentir completa novamente.”

“Foi quando eu entrei na comunidade surda que eu senti o gosto da liberdade de ser quem eu era.”

A partir desses quatro trechos, podemos perceber suas fortes impressões no que se refere à comunidade surda. A entrevistada é enfática quando fala de como a sua vida melhorou, como sua identidade se fortaleceu depois que ela reencontrou a comunidade surda. Segundo ela, foi o dia mais feliz de sua vida.

Em primeiro lugar, a entrevistada define silenciosamente, e não diretamente nem explicitamente, o que é a comunidade surda. A surda coloca a comunidade como o “centro que temos para aprendermos coisas novas, termos novas informações, [...] tudo para que possamos nos manter atualizados no mundo”. Além disso, acrescenta que é um lugar de apoio mútuo, de renovação de energias, quando cita a importância de encontrar os surdos na comunidade surda. Ela explica que “são nesses encontros que a gente tem oportunidade de conversar sobre nossas vidas e os surdos acabam percebendo que eles não estão sozinhos, que todos ali também sofreram preconceito e tiveram dificuldades. É a partir disso que ele vai poder conseguir a força que precisa pra continuar”. Fica claro que o encontro nessa comunidade promove uma mescla de valores antropológicos e culturais que interligam pessoas que tentam se ajudar mutuamente.

Perlin (1998) explica esse conceito afirmando que:

O termo comunidade, no caso dos surdos, designa um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte; porém, entram outros elementos comuns entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte: nacionalidade, religião, governo, raça e etnia. Todo este complexo não chega a definir a comunidade surda como autônoma, apesar da aceitação corrente do termo. (PERLIN, 1998, não paginado)

De acordo com Perlin (1998), os indivíduos compartilham o nível macrosocial que abrange nacionalidade, sistema de governo, religião, raça e etnia, isto é, a dimensão histórica, política, econômica e cultural da sociedade como um todo complexo; porém, a comunidade surda apresenta especificidades nas relações intersubjetivas e nas práticas sociais que são características específicas de um determinado grupo de indivíduos que desenvolvem aspectos antropológicos diferentes, como a história, língua, cultura e arte dos surdos.

Portanto, a comunidade surda é a dimensão espaço/temporal que produz o calor do lugar, é o sentimento de pertencimento, é o “meu lugar” onde se concretiza e se expressa o particular e o coletivo, a objetividade e a subjetividade, onde se objetivam e se subjetivam as relações sociais e as singularidades. Além disso, é o encontro do Eu e do Outro, é o lugar onde participam e compartilham, disputam posições e tomam decisões, materializam necessidades, carências, desejos, vontades e sentimentos e, ainda, realizam os pensamentos, tudo isto mediado por uma língua comum, a Libras.

Acrescentando nosso posicionamento às palavras da Perlin (1998), acreditamos que a comunidade surda não é formada apenas por surdos, como a maioria pensa.

Existem ouvintes que também participam dela, como, por exemplo, parentes de surdos, intérpretes de línguas de sinais, bem como interessados da comunidade em geral. E mais, a entrevistada ressalta que há diferentes tipos de surdos dentro da comunidade surda – oralizados (que usam a língua de sinais), implantados, surdos que sabem a Libras muito bem e outros que nem tanto. Portanto, há diversidade dentro da comunidade surda também; há diversidade na surdez.

É importante ressaltarmos a diversidade e chamarmos a atenção para a não segregação que se configura espacialmente onde as relações tendem a considerar apenas os “pares” ou os “iguais” e a diminuir a potência de ação dos seus membros, como salienta Sawaia:

Para se evitar a armadilha do *apartheid* defensivo ou agressivo, ambos prisioneiros da identidade ficcional e de sua correlata obsessão pela diferença, bem como do *democratismo* pulverizador das relações entre pares, é necessário analisar a segregação como questão ético-relacional. (1995, p. 23)

Com isso, a questão ético-relacional na comunidade surda implica o reconhecimento do Outro como Outro, e o encontro entre pares como o palco de negociações, de conforto e de confronto, entre semelhantes e diferentes. Na abordagem sócio-histórica o indivíduo é concebido como um agregado de relações sociais, o que implica considerar o sujeito em uma perspectiva da polissemia, tendo presente a dinâmica, a tensão, a estabilidade instável, a semelhança diferente. Conforme Molon (2011), a conversão das relações sociais no sujeito se faz por meio da diferenciação, ou seja, o lugar de onde o sujeito se comunica, olha, sente, faz, etc. é sempre diferente e partilhado. Portanto, o sujeito é único, constituído nas relações sociais pelas mediações semióticas.

Para tornar-se um ser “humano”, a criança terá de “reconstituir” nela (não simplesmente reproduzir) o que já é aquisição da espécie. Isso supõe processos de inter-ação e inter-comunicação sociais que só são possíveis graças a sistemas de mediação altamente complexos, produzidos socialmente. (PINO, 1991, p. 35)

Na nossa sociedade, um dos espaços que possibilitam processos de interação, comunicação e intercâmbio, além da aquisição do conhecimento produzido socialmente, é o contexto educativo. Lopes e Veiga Neto (2006) explicam que é necessário pensar a respeito do que é a comunidade surda e reconhecê-la como grupo para encontrar os espaços que servem de território, para que a comunidade surda passe a se constituir efetivamente e manter esse espaço ou território. O espaço, que vem se tornando o principal local onde os surdos conseguem se aproximar e interagir, é definitivamente o escolar.

Esses autores também comentam que a escola é “um local inventado para que todos que o frequentam saiam com marcas profundas no modo de ser e de estar no mundo -, a comunidade surda, quando constituída dentro da escola, também é fortemente marcada por ela” (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 82). Nesse sentido, a escola deveria ser o espaço ideal de encontro de surdos, interação e constituição da comunidade surda.

No caso da entrevistada, isso não aconteceu, já que ela não pôde ter contato com surdos em toda a sua adolescência, por estudar numa escola de ouvintes⁴ em um determinado período. O sujeito da pesquisa diz-nos que só encontrou a comunidade surda por intermédio de uma colega que trabalhava voluntariamente com a dança numa escola de surdos e a levou para conhecer os surdos de lá.

A entrevistada teve essa oportunidade de rever seus amigos, tardiamente, graças a sua colega. Porém, conforme ela relata, nem todos os surdos têm a mesma sorte, comentando que muitos surdos se mudam e acabam por ficar isolados, assim como ela. Estes, segundo ela, “só passam a ter contato com a comunidade surda quando se mudam pra alguma cidade que a possua. Então não sou só eu, muitos outros surdos estão e estiveram na minha situação também”.

Ela teve oportunidade de reencontrar seus amigos surdos e percebemos a importância desse reencontro quando ela relaciona sua felicidade sobre esse fato. Constatamos a importância da comunidade surda para os surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais nas falas da entrevistada, principalmente quando ela a relaciona à liberdade de ser quem ela é realmente.

Segundo Vygotsky (1995), os processos de produção de significação são fundamentais para a constituição da consciência humana, isto é, os significados das palavras, dos signos, dos sinais são imprescindíveis já “que os significados das palavras, na dupla função de representação e de análise, constituem, ao mesmo tempo, a trama do pensamento e as operações que constroem essa trama” (PINO, 1993, p. 21).

O processo de internalização ou apropriação pelo sujeito do universo cultural é uma operação complexa de reconstituição no e pelo sujeito da história construída pelos homens. Esse processo é de natureza semiótica. No caso dos surdos, é a entrada no universo da significação visual mediada pela Libras, que altera os modos de atividade e cognição do sujeito surdo. Cabe ressaltarmos que o acesso a esse universo só ocorre no campo da intersubjetividade, das interações sociais. Conforme observa Góes (1991, p. 20), “o plano intersubjetivo está na gênese da atividade individual e participa da construção das formas de ação autônoma ou da auto-regulação”.

Nesse sentido, a comunidade é o espaço para se permitir ser surdo, assumir sua cultura e diferença, livres dos estereótipos da sociedade. Envolta nessa liberdade, também está a comunicação sem impedimentos, usando sua língua materna, dando a esses surdos a sensação de completude. Alguns trechos da entrevista estão dispostos abaixo, evidenciando a relação da entrevistada com sua língua:

“... minhas mãos são tesouros, de ouro. Libras valoriza o surdo, a língua brasileira de sinais é uma língua natural para surdos. Sou orgulhosa de ser surda e vivo feliz! As mãos são minha comunicação!”

4 O sujeito sempre relata “escola de ouvintes”, sendo esta uma escola inclusiva, onde a aluna surda não tinha acesso ao intérprete até seu ingresso na faculdade. Ela fazia uso de leitura labial e do apoio dos colegas para conseguir acompanhar a turma. Atualmente, a filosofia das escolas inclusivas é que os alunos surdos (entre outras necessidades) estudem e convivam com alunos ouvintes, sendo disponibilizados intérpretes para a mediação.

“Muito melhor quando todos sabem Libras, entendem sobre os surdos, acho que se todos fizessem isso não haveria tanto preconceito para melhorar a vida dos surdos, menos sofrimento, luta sempre!”

“Eu já tinha falado de pertencimento e acho que ter uma língua ajuda a gente se sentir pertencendo a algo, acho que só se tem identidade, personalidade e cultura surda se o surdo conviver na comunidade surda e usar a Libras. A língua é bem importante pro surdo que possui uma identidade surda atuante, acho que é quase uma demarcação de território [...]”

É interessante perceber o patamar de importância que tem a língua de sinais para esta surda. São fragmentos fortes, em que ela se posiciona sempre relacionando a Libras, sua comunicação com sua felicidade pessoal. Relembrando a história da entrevistada: ela aprendeu Libras quando criança, mas só teve contato com surdos até os 12 anos de idade, quando mudou para uma escola sem intérprete. Aos 17 anos, ela reencontrou a comunidade surda, “ressuscitando” sua língua adormecida pela falta de contato. Ela comenta que “era minha língua, parte da minha subjetividade, não sumiu com o tempo e a falta de contato, permaneceu comigo, mesmo nesses anos inativa [...]”, ou seja, uma criança surda aprende sua língua naturalmente, sem nenhum esforço específico, porque é sua língua materna.

De acordo com Dizeu e Caporali (2005) e Góes (1999) a língua de sinais será necessária para a ampliação das relações interpessoais, propiciando o funcionamento cognitivo e afetivo, pois é com a aquisição da língua que a criança consegue construir sua subjetividade, já que é a partir dela que a criança se insere no processo de interação dialógica, trocando informações e expressando ideias.

Assim, é importante que a criança surda encontre seus pares o mais rápido possível, que tenha contato com a Libras, já que é esta interação que fará com que o surdo adquira sua língua rapidamente. Esse foi o caso da entrevistada: a partir do contato com seus colegas surdos e com a professora surda é que começou a aprender sua língua. Foi através do acesso à aquisição da língua que ela conseguiu ter a oportunidade de interagir com o mundo ao seu redor.

O que percebemos é que uma criança surda não aprende sua língua sem uma influência externa: é a partir do contato com os surdos que essa língua se desenvolve. E através da aquisição da língua é que o surdo consegue construir sua subjetividade. Assim, é urgente que uma criança surda que deseje aprender a Libras tenha contato com seus pares surdos, numa interação dialógica, expressando ideias e estabelecendo relações.

Como vimos nas falas da entrevistada, no seu período na escola inclusiva ela não conseguia comunicar-se plenamente. Ela até ressalta que não tinha amigos de verdade, como os seus amigos surdos, pelo fato de os ouvintes não saberem a Libras. Isso instiga-nos a questionar a postura das escolas inclusivas que não dão condições para que o surdo consolide sua língua.

Pensar que a entrevistada ficou cinco anos (dos 12 aos 17 anos) sem encontrar a comunidade surda faz-nos pensar como ela se sentiu todo esse tempo; ajuda-nos a refletir sobre a importância desse (re)encontro para ela.

Quando ela estava distante da comunidade surda, ela se sentia apartada da comunidade surda; emergiram sentimentos como tristeza, depressão, frustração... Não conseguindo dissociar tais situações e condições da experiência vivida, percebemos o elo que se forma no encontro surdo-surdo, não sendo este desfeito com o tempo.

Ainda falando desse elo, a surda fala que “a identidade surda continuou nela, dentro dela, o que ela guardou foi a Libras”. Ciampa (1986) tem uma abordagem interessante em sua análise da identidade. Com uma metáfora, ele explica que deixamos de ser apenas substantivo para sermos verbo, ou seja, precisamos das interações sociais para nos constituirmos. Acerca disso, trazemos sua ideia abaixo:

Para compreendermos melhor a ideia de ser a identidade constituída pelos grupos que fazemos parte, faz-se necessário refletirmos como um grupo existe objetivamente: através das relações que estabelecem seus membros entre si e com o meio onde vivem, isto é, pela sua prática, pelo seu agir (num sentido amplo, podemos dizer pelo seu trabalho); agir, trabalhar, fazer, pensar, sentir, etc., já não somos mais substantivo, mas verbo. (CIAMPA, 1986, p. 86)

Isso se dá também com os surdos sinalizados, já que essa identidade se forma a partir do contato surdo-surdo. O surdo deixa de ser “substantivo” e passa a ser “verbo” quando interage com o meio onde vive, apreende a língua de sinais e a cultura surda. Ainda sobre isso, Veiga Neto (LOPES; VEIGA-NETO, 2006) explica que não há como traduzir uma identidade surda universal. O que se pode dizer sobre a identidade surda, segundo Perlin (1998), é que ela está presente nos surdos que participam da comunidade surda e usam a língua de sinais.

É impossível traduzir uma única identidade surda, como já mencionamos, mas há características em comum entre os surdos que possuem identidade surda: usam a língua de sinais, têm experiência visual, gostam de ser vistos como diferentes e possuidores de cultura surda, assumem-se como surdos, não usam a língua falada e usam a tecnologia para conseguir acessibilidades. Essas características são carregadas de lutas políticas e enfrentamentos pelas condições materiais de sua existência.

O que percebemos através da opinião da entrevistada é que sua identidade surda não nasceu pronta; pois foi através do convívio com seus semelhantes (colegas surdos na escola de surdos) que essa identidade se constituiu. O interessante é que essa identidade passou a fazer parte dela como sujeito surdo, já que, apesar do afastamento, ela não deixou de se assumir surda. Apenas sua língua ficou “adormecida”, uma vez que ela não tinha nenhum dos seus “iguais” para interagir. Isso fez com que ela ficasse com um conhecimento básico em sua língua, a Libras.

Outro ponto a ser reconhecido na sua fala é que ela defende o bilinguismo dos surdos. Para eles que usam a língua de sinais, essa é sua língua materna, naturalmente adquirida e significada. Reconhecer sua condição bilíngue e acolher a língua de sinais como primeira língua escolar do surdo faz parte das intensas lutas da comunidade surda.

A sensação da surda quando usa a língua de sinais é de liberdade de expressão, comparando sempre com a língua portuguesa que, segundo ela, limita-a de alguma maneira. Apesar de permanecer, por cinco anos, separada da comunidade surda e, por isso, não desenvolver seu nível linguístico, ela relata que após reencontrar a

comunidade surda não demorou muito tempo para conseguir adquirir a fluência que lhe faltava.

Quadros (2003) explica que a língua de sinais vai ser adquirida por crianças surdas que tiverem a experiência de interagir com usuários de língua de sinais. A interação entre surdos é que os leva à fluência.

Sobre a importância de aprender as duas línguas (português escrito e língua de sinais), revelados nas falas da entrevistada, Peixoto (2006) diz que se a língua de sinais for a primeira língua do surdo, esta pode possibilitar o seu encontro com a escrita. Quanto mais fluente for o surdo na língua de sinais, mais consistente a apropriação da língua para o surdo. Para a maioria dos surdos, suas possibilidades cognitivas se desenvolvem a partir da língua de sinais, sendo a escrita um objeto importante. Nesse sentido, Peixoto complementa que:

A escrita certamente é um desses objetos, particularmente importante, porque, como a língua de sinais, veicula conceitos que nomeiam a realidade; só que, ao contrário dessa última – e de qualquer outra língua não escrita – está “presa” ao papel, com menores possibilidades de contextualização natural. Portanto, embora a escrita também se constitua de signos que veiculam conceitos, materializa-se em um formato que dificulta a construção do sentido por ela mesma, sendo necessário buscar na língua não-escrita os elementos conceituais para atribuir sentido aos signos escritos. (PEIXOTO, 2006, p. 288)

Assim, podemos afirmar que, para esses surdos sinalizados, a língua de sinais é o meio que instrumentaliza o aprendizado da língua escrita. A primeira língua do surdo é que norteia a escrita; logo, a escrita para os surdos é construída de maneira diferente, é construída para representar a língua que usam para entender o meio em que vivem. Nisso, conseguimos perceber a dificuldade desses surdos em escrever a estrutura da língua portuguesa totalmente correta, afinal, a significação ocorre na língua de sinais e para ser escrita em uma estrutura completamente diferente exige um esforço dobrado do surdo.

Mesmo com essa dificuldade, observamos na fala da entrevistada que é importante que o surdo não desista e adquira as duas línguas aprendendo a “Libras primeiro e depois o português, através do visual, identificar coisas, objetos e depois é que ele vai aprender o significado dos sinais, as configurações de mão, o significado das palavras”. Segundo ela, “é preciso equilibrar as duas partes”.

Interessante ressaltarmos a relação entre comunidade, língua de sinais e felicidade, novamente expressa nas falas da surda. A comunidade constitui-se como o “reino da felicidade” para esta surda, assim como usar a língua de sinais é o caminho para se chegar a esse reino. Em termos não tão poéticos, é quando o surdo encontra seus semelhantes (sua comunidade) e pode conversar em língua de sinais (a língua que escolheu para si) que ele encontra a felicidade, sente-se completo na sua incompletude. Sem a língua de sinais, detectamos nas falas da entrevistada palavras como “difícil” e frases impactantes como “eu não era feliz de verdade”. A surda também relacionou a Libras à liberdade – poder expressar o que pensa livremente; a ser o que ela realmente é, sem o estereótipo de incapacidade. E essa liberdade de expressão no meio

em que vive é que permite à surda entender sua identidade. A língua dela é que dá o sentimento de pertencimento a um grupo. Segundo Perlin:

A constituição da identidade dependerá, entre outras coisas, de como o sujeito é interpelado pelo meio em que vive. Um surdo que vive junto a ouvintes que consideram a surdez uma deficiência que deve ser tratada pode constituir uma identidade referendada nesta ótica. Mas um surdo que vive dentro de sua comunidade possui outras narrativas para contar a sua diferença e constituir sua identidade. (PERLIN, 1998, não paginado)

Nesse sentido, a Libras, para a entrevistada, significa “...Eu acho que minhas mãos são como guias pra mim, que me dizem pra onde devo ir, o que devo fazer...”. Esse pequeno trecho poético resume o papel dado às mãos de um surdo que usa a língua de sinais. São de suma importância, é o sentido mais importante para ele. Se todos entendessem, ou pelo menos respeitassem tal postura, haveria menor preconceito linguístico para com os surdos.

Em muitas de suas falas, ela citou vários aspectos relacionados à Libras. Destacamos a seguir sua postura quanto ao reconhecimento da Libras como um meio de comunicação e língua dos surdos brasileiros. Os trechos são os seguintes:

“Porque algumas pessoas não acham que a Libras é importante, acham que é só um jeito de se comunicar, que são gestos, mas não, a Libras possui gramática, pragmática, expressões, parâmetros igual ao português e a outra língua falada. Tem a cultura surda, a história, coisas que precisam ser faladas e mostradas.”

“Acham que Libras é fácil, que é só aprender pouca coisa que isso já é inclusão. Mas além disso falta entendimento do que é a Libras, que é nossa língua, nossa língua, oficial do Brasil também, que poucas pessoas sabem. A sociedade no geral ainda não percebeu isso, e somos minoria então, fica mais complicado. Falta muita informação das pessoas também, nos rádios, nas emissoras de TV, acho que hoje se fala pouco de surdez e de surdos.”

As discussões sobre surdez vêm sendo ampliadas por todos os profissionais que trabalham com a área e pela comunidade surda. Vários caminhos estão sendo trilhados. Porém, um dos primeiros tópicos de luta da comunidade surda é que a sociedade respeite a Libras como uma língua reconhecida por Lei, como uma forma de comunicação e expressão, com parâmetros próprios de um sistema linguístico. A luta pela valorização e reconhecimento da Libras também está presente nos trechos das falas da surda. Entretanto, achamos oportuno fazer alguns apontamentos sobre o reconhecimento legal da Libras como língua dos surdos, para contextualizar as falas da entrevistada.

No dia 24 de abril de 2002 foi sancionada a Lei 10.436 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Essa Lei reconheceu a Libras como uma forma de comunicação própria dos surdos brasileiros, a língua usada por estes.. Foi uma conquista para os surdos, pois estabeleceu o direito de qualquer surdo que usa a língua firmando assim o direito que eles possuem de se comunicar livremente, bem como o direito de serem respeitados, no que se refere ao uso desta. Essa lei criou importante mudança

de postura do Estado, reconhecendo a Libras como língua – e língua nativa (não estrangeira), própria das comunidades surdas.⁵

Após pouco mais de três anos, em 2005, essa lei obteve sua regulamentação pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 22 de dezembro, além de o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, também ser regulamentado por ela. Essa regulamentação inclui a Libras como disciplina curricular das Licenciaturas, bem como do curso de Fonoaudiologia e Pedagogia. Ainda mais, estabelece a importância da formação de professores e instrutores na área da língua.

Feitos esses apontamentos de “caráter legal” da língua, a seguir passamos a abordar especificamente a funcionalidade das disciplinas de Libras em alguns cursos superiores.

A inclusão dos surdos no sistema educacional ouvinte foi outro tema abordado na regulamentação dessa lei, quando foi tratada a importância das capacitações para professores, no sentido de que eles compreendam o processo inclusivo e para que entendam e usem a língua dos surdos. No caso de ser necessário o uso de intérpretes nas escolas, eles precisam estar bem capacitados, a fim de que o ensino não seja minimizado.

Relacionando esses aspectos acima mencionados às falas da entrevistada, observamos que, apesar de a lei ter sido sancionada e regulamentada, falta ainda a conscientização da sociedade.

Para reconhecer a Libras como língua, a surda ressalta que “(...) acham que é só um jeito de se comunicar, que são gestos, mas não, a Libras possui gramática, pragmática, expressões, parâmetros igual ao português e a outro idioma falado.” Estudos linguísticos vêm tentando defender essa postura, mas para alguns é difícil fazer as adaptações como uma língua oral auditiva, já que a gramática tradicional oral precisa ser revista, necessitando de convencionalidade, a substituição de entonação oral por uma entonação que faz parte do signo (FERREIRA BRITO, 1995).

No caso da surda entrevistada, há o relato de que sua amiga de escola possuía um conhecimento errado sobre o que era a Libras. Ela pensava que eram apenas as letras do alfabeto. Porém, a entrevistada teve a oportunidade de desmistificar isso, explicando que, além das letras do alfabeto, há sinais e signos.

“Ela pensava que a Libras eram só as letras do alfabeto, e eu falei pra ela que não, que existiam sinais pras coisas, por exemplo – ARVORE – tem o sinal pra árvore, que é esse (sinal identitário de árvore), porque é visual, olha só, aqui é a copa da árvore (apontando pra mão) e aqui o tronco e aqui as raízes, e ela entendeu e gostou de aprender novos sinais.”

Essa também é uma dúvida da maioria dos leigos, que desconsidera a amplitude da Libras, não apenas como o alfabeto manual, mas como a completude de parâmetros e unidades que essa língua possui, assim como qualquer língua falado. Sá (2002) defende a valorização da Libras como língua ao dizer:

5 A Legislação acima citada reconhece a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio legal de comunicação, reconhece sua modalidade visual espacial de língua, além de garantir sua difusão nos meios sociais e públicos, em respeito à comunidade surda brasileira que a usa.

Uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que é transmitida de geração em geração, e que muda – tanto estrutural como funcionalmente – com o passar do tempo. Ora, qualquer língua pode ser considerada como tal, independente da modalidade que utiliza. (SÁ, 2002, p. 56)

Assim, a intenção desta discussão é valorizar a Libras e desmistificar o fato de que sejam apenas gestos, sem o patamar de língua, já que é através de sua língua é que se consegue construir e identificar uma cultura, e através da língua é que o surdo consegue expor seus medos, desejos e emoções.

Uma das medidas legais para esta valorização foi a inclusão da Libras como disciplina em alguns cursos superiores. Acerca dessa medida, a entrevistada também comenta:

“Claro que ajuda, acho que ajuda a tirar alguns estereótipos dos surdos de surdo-mudo, deficiente e ajuda a que os alunos tenham respeito pelos surdos, mas não acho que seja só isso o suficiente... A Libras é como qualquer língua, se não praticar – esquece, e é o que acontece com a maioria dos alunos que cursam comigo a disciplina de Libras, porque eles perdem o contato com surdos e esquecem tudo o que aprenderam... É nessas horas que eu penso que essas disciplinas são importantes, mas precisa de muito mais...”

“É isso que eu tento passar nas minhas aulas de Libras na universidade, acho que se mesmo que os alunos não aprendam a Libras, mas aprendam a respeitar já é um avanço na sociedade ouvinte, esses alunos ouvintes cursando na universidade que tem disciplina obrigatória e outra optativa para aprender Libras e conhecer sua cultura, história, língua e identidade surda.”

De acordo com os trechos acima, entramos numa discussão sobre a eficácia desta no ensino superior. De acordo com a surda, a disciplina tem a sua importância, no que tange a desmistificar os surdos, a tirar a máscara do preconceito envolto na educação de surdos e no modo pelo qual a sociedade o trata. Porém, como a surda nos revela, “É nessas horas que eu penso que essas disciplinas são importantes, mas precisa de muito mais...”. Sobre isso, Machado e Lírio (2011) relatam que é importante que o aluno prove do desconhecido, que ele se use da experiência. A disciplina de Libras serve, assim, para que os alunos tenham acesso à experiência dessa língua e tenham contato com o movimento surdo dentro da universidade. Nesse sentido, a disciplina Libras passa a ser um espaço de discussão, desconstruindo preconceitos, além de ser um espaço linguístico, com noções da língua.

Para os alunos, o desafio de aprender a Libras reside no fato de a língua se constituir de estrutura visuo-espacial, o que implica maior dedicação por parte dos estudantes. Em virtude do desafio das escolas inclusivas, essa estratégia visa a dinamizar e desenvolver os possíveis educadores de surdos. Freire (1996) explica sobre essa adaptação à qual os professores precisam estar sujeitos:

Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a

posição ingênua ou pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo com o mundo e com os outros de forma neutra. Não pode estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. (FREIRE, 1996, p. 77)

A disciplina de Libras no ensino superior é necessária para que se aprenda pelo menos a atender as necessidades do aluno surdo, tendo a desenvoltura para lidar tanto com o aluno quanto com a família do aluno. Com base nas falas da entrevistada, percebemos certo limite no que se pode esperar da disciplina. Alguns começam a cursá-la achando que a Libras é fácil e que é “milagroso” o aprendizado. Outras acham que ao final do curso já seguirão sabendo a língua, mesmo se descontinuarem o estudo e o contato com surdos. Outras só fazem o curso pelos créditos que receberão. E, ainda, outras continuam sustentando os mesmos preconceitos, mesmo com todo o conteúdo visto. Porém, ela ressalta que pelo menos os mitos relacionados aos surdos e o respeito que é pregado na disciplina são de grande valia entre os alunos ouvintes, e que este é um objetivo quase sempre alcançado entre os alunos.

Além disso, percebemos que uma disciplina isolada do contexto de vida de cada sujeito é insuficiente para que o aluno aprenda completamente a Libras. Para a entrevistada, o ideal seria que a Libras fosse inserida nas escolas regulares, já que o intuito é incluir os alunos surdos nas escolas regulares, que os alunos ouvintes tivessem contato com surdos e com a língua para não causar estranhamento perante os surdos e perante esta desse modo, fazendo com que, na faculdade, se constituísse numa disciplina que já tivesse feito parte da vida dos alunos de alguma maneira, facilitando o aprendizado e estreitando os laços entre surdos e ouvintes.

Conclusão

A partir da análise dos fragmentos apresentados, percebemos o patamar que a Libras e a comunidade surda ocupa na vida de um surdo usuário da língua de sinais. O “reino da felicidade”, termo que está presente em nosso artigo, serve de comparativo fiel da significação desta comunidade para os surdos. Como notamos nas falas da entrevistada, os surdos fazem questão de participar de atividades que reúnam os surdos, principalmente na escola, que deve ser um espaço para o surdo. Percebemos que, apesar de a surda não ter tido essas vivências em cinco anos de sua vida (dos 12 aos 17 anos), e mesmo tardiamente reencontrando a comunidade surda, ela assume sua necessidade de interação.

O sentimento de pertencimento que a permeia quando fala dessa comunidade demonstra que o encontro surdo-surdo é um encontro importante para o surdo: facilita a constituição de sua identidade, apreensão de sua cultura, entendimento de si mesmo como um ser culturalmente diferente e não abarcado na terminologia de deficiente.

Consideramos que a partir do plano intersubjetivo acontece a constituição do sujeito pelas mediações semióticas, ou seja, a produção de significação é um universo em constante agitação e produção de sentidos partilhados.

Por fim, a comunidade surda assume um significado poético e real para os surdos, em meio a uma maioria ouvinte que não sabe a língua e, portanto, não entende todas as particularidades permeadas em suas diferenças culturais. A comunidade surda

envolve diferenças e semelhanças frente ao Outro, movimentos de aproximação e de afastamento do Outro, posturas de conforto e confronto em relação ao Outro, decisões de convergência e de divergência relacionadas ao Outro, um universo de tensões e de adaptações em relação ao Outro.

Assim, a comunidade surda também se torna um espaço de lutas e conquistas surdas, fazendo-os galgarem por espaços antes não ocupados. Além disso, a comunidade surda como o “reino da felicidade” para esses surdos, é um espaço também de diferenças e de disputas, não um espaço homogêneo e utópico. Entender mais sobre as relações dentro da comunidade surda permite que os surdos lutem também por sua união como classe, sem nenhuma segregação. A demarcação do território surdo não deve reproduzir modelos involuntários de preconceito – a luta deve continuar para e pelos surdos se inserirem nos espaços com igualdade e, ao mesmo tempo, respeitando a sua diferença.

Referências

BOFF, L. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial** [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

CIAMPA, A. C. **A história de Severino e a história de Severina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 91, n. 26, p. 583-597, 2005.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. A. A Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.

GÓES, M. C. R. A natureza social do desenvolvimento psicológico. **Cadernos CEDES**. Campinas, n. 24, p. 17-24, mar/jul, 1991.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 24, n. 24, nº especial, p. 81-100, jul/dez 2006.

MACHADO, L. M. da C. V.; LÍRIO, L. M. A disciplina de Libras e a formação inicial dos professores: experiências dos alunos de graduação em pedagogia na Universidade Federal do Espírito Santo. **Revista FACEVV**. Vila Velha, n. 6, p. 96-104, jan/junho, 2011.

MOLON, S. I. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. **Informática na Educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 56-68, jan/jun. 2008,

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PEIXOTO, R. C. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006.

PERLIN, G. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=arte&cat=20&idart=153>

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 24, p. 32-43, mar/jul, 1991.

PINO, A. Processos de significação e constituição do sujeito. **Temas de Psicologia**, Ribeirão Preto, n. 1, p. 24, 1993.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

QUARESMA, S. J.; BONI, V. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, v. 2 n. 1 (3), p. 68-80, jan/julho/2005. Disponível em: www.emtese.ufsc.br Acesso em: 05.02.2013

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: EDUA, Comped, INEP, 2002.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, n. 9, v. 2, p. 20-24, 1995.

SAWAIA, B. B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. de F. (org.) **Psicologia Social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.

SILVA, V. **A Política da diferença: educadores-intelectuais surdos em perspectiva**. 2009. 184p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, n. 50, p. 26-40, 2000.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor, 1995.